

A IMPORTÂNCIA DA ICONOGRAFIA PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DE UMA COMUNIDADE – A história do Teatro das Heroínas de Tejucupapo

Rizangela Pereira de Melo

Discente do Programa de Pós-Graduação em História

Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco

rizangela.2022608204@unicap.br

Resumo

Este artigo aborda a história da criação do Teatro das heroínas de Tejucupapo, por sua idealizadora, dona Luzia Maria da Silva, no ano de 1993. Dona Luzia relata que ouviu sobre a batalha das heroínas, por uma enfermeira que lhe prestava atendimento e cuidados quando se encontrava enferma, internada na cidade do Recife. Naquela ocasião, teria realizado uma promessa de que, recuperando sua saúde, iria contar a história da Batalha das heroínas de Tejucupapo, episódio histórico do século XVII, do Brasil colônia, em que as mulheres de Tejucupapo, expulsaram soldados holandeses que, pela terceira vez saqueavam sua aldeia se utilizando de paus, pedras e água fervida com pimenta. Foi através do teatro que ela conseguiu cumprir com o prometido. No ano de 2022, no dia 24 de abril aconteceu a 29ª apresentação teatral. Desde sua criação, há registros documentais, do acontecimento do teatro das heroínas, ano após ano, como fotografias, entrevistas, relatos de jornais, medalhas, convites, etc. O texto deste artigo pretende demonstrar a importância da iconografia na preservação da memória cultural da comunidade de Tejucupapo através da encenação e dos registros que envolvem o segundo maior teatro ao ar livre do estado de Pernambuco.

Palavras-chave: iconografia, teatro das heroínas, memória cultural.

Introdução

Este trabalho inicia trazendo uma apresentação sobre surgimento do teatro das heroínas de tejucupapo cuja existência se deu há quase três décadas. Foi idealizado e até os dias de hoje é executado graças à persistência e determinação de uma tejucupapense chamada Luzia Maria da Silva, que atualmente conta com 76 anos de idade. O teatro das heroínas de tejucupapo foi fundado para representar de forma cênica, uma batalha histórica, do Brasil holandês do século VXII, onde mulheres saíram vitoriosas e expulsaram soldados invasores de sua aldeia. O teatro das heroínas de tejucupapo possui de imensurável representação turística, social, educacional e integradora para a pequena comunidade localizada no litoral norte de Pernambuco e, a cada ano, dentre tantas incertezas, supera as dificuldades financeiras para sua execução, diante da falta de reconhecimento e amparo oficial do poder público e do setor privado. No intuito de conquistar uma das valiosas bolsas de incentivo de financeiro, prioridade nos projetos apresentados ao sistema de incentivo à cultura do Estado, ver suas atividades, projetos e saberes transmitidos à alunos e aprendizes, a Associação Grupo Cultural Heroínas de Tejucupapo, tenta, através de concurso, a obtenção do titulo de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco, cujo resultado sairá no dia 12 de agosto vindouro. Trata-se de mais um caminhado trilhado no sentido de preservar a memória cultural do pequeno vilarejo, cujo presente artigo entende como primordial e necessário para o autorreconhecimento do seu povo. Por derradeiro, traz-se à baila a importância da iconografia como fonte histórica. “O emprego de imagens como fonte de informação é apenas um dentre tantos (inclusive simultaneamente a outros) e não altera a natureza da coisa, mas se realiza efetivamente em situações culturais específicas, entre várias outras” (MENESES, 2003, p.29). Desde sua estreia, no ano de 1993, cuja primeira apresentação foi registrada pela rede globo nordeste, superando as expectativas locais, o tetro das heroínas conta com um acervo vasto de fotografias, entrevistas, matérias, publicações em sites. Esses registros carregam símbolos, informações, fatos, datas e são capazes de delimitar o caminho por ele percorrido ao longo de todo esse tempo.

“Toda arte é histórica, portanto, toda imagem possui uma historicidade fundamentada em uma prática cultural e social” (MAUAD, 2016, p.41).O percurso dessas imagens comprovam a existência do teatro e demonstram sua trajetória de crescimento e imponência na região, sendo hoje o segundo maior teatro ao ar livre do estado, pelo que, encerra-se esse debate provisório defendendo a necessidade da sua perpetuação para a

posteridade, transcendendo as limitações impostas para sua realização desde quando era uma utopia e um projeto pessoal de dona Luzia Maria da Silva.

O Teatro das Heroínas de Tejucupapo

O teatro das heroínas de Tejucupapo foi fundado no ano de 1993 por dona Luzia Maria da Silva. Auxiliar de enfermagem de formação e sem estudos no ramo das artes cênicas, dona Luzia, quanto acometida por um problema de saúde, internada na cidade de Recife, era chamada de guerreira por ter nascido naquela cidade. A enfermeira do hospital que lhe dedicava cuidados, lhe explicara que qualquer mulher tejucupapense já era, por esse motivo, vitoriosa e corajosa. Foi então que dona Luzia tomou conhecimento do conflito armado ocorrido na época do Brasil colônia, quando em 1646, as mulheres do pequeno vilarejo de Tejucupapo, município de Goiana, zona da mata do estado de Pernambuco, tiveram suas terras invadidas por holandeses. Conta-se que os soldados holandeses invadiram a aldeia num momento de vulnerabilidade, quando os homens se ausentaram para vender o produto dos seus pescados na capital pernambucana. Cientes do que seria o terceiro ataque holandês em busca de alimentos e produtos que lhes fossem úteis, a aldeia teria organizado sua defesa e se utilizaram de objetos rústicos que tinham ao seu alcance como paus, pedras e água fervida com pimenta. Posicionaram-se nas trincheiras, e contando com a ajuda de seus filhos e demais parentes, derrotaram os invasores. A estratégia foi organizada por quatro mulheres, eram elas Maria Camarão, Maria Quitéria, Maria Joaquina e Maria Clara. Trata-se da primeira batalha brasileira com protagonismo feminino. “Mesmo reconhecido pelo exército como o episódio onde se deu a primeira participação de mulheres brasileiras em conflito armado, a ‘Batalha de Tejucupapo’ foi banida dos livres escolares” (BEZERRA, Cláudio, 2004, p.7). Tendo tomado conhecimento do feito no leito de um hospital, dona Luzia fez uma promessa em troca da restauração da sua saúde. Prometeu que se se recuperasse da enfermidade, contaria a história das mulheres de Tejucupapo e resgataria a história do seu povo. O teatro foi a forma que dona Luzia encontrou para cumprir o prometido. Até então ela só tinha experiência com as pequenas encenações da igreja. O teatro havia ficado paralisado por dois anos em decorrência da pandemia da COVID-19, mas com sua retomada no ano

de 2022, com apoio da Prefeitura de Goiana PE[1], realizou sua 29ª encenação, no domingo 24 de abril, na fazenda Megaó, no monte das Trincheiras, local onde teria acontecido o embate. A encenação é organizada e preparada contando com o envolvimento do toda uma comunidade, tudo é feito da forma mais simplória possível, mas carregada de um simbolismo redentor (BEZERRA, 2004, p. 8). As personagens são mulheres da comunidade, servidoras públicas, catadoras de mariscos, donas de casa e estudantes, todos sem qualquer formação teatral, mas com determinação e boa vontade, atuam numa mistura de intuição e emoção. Sobre o teatro:

> O espetáculo concebido por Luzia Maria da Silva sempre me emociona muito por causa da sinceridade com a qual aquelas mulheres, com pouco formação, em sua maioria rudes marisqueiras, catadoras de sururu, assumem o papel de heroínas no Monte das Trincheiras. Elas acreditam religiosamente que suas antepassadas venceram os holandeses usando todo o tipo de arma, dardos, lanças, chuços, água fervente com pimenta, e que são as legítimas herdeiras desse heroísmo. Essa 'ingenuidade' é a verdade de cada uma delas, o suporte poético da narrativa. (BEZERRA, 2004. p.70)

A encenação, atualmente, conta com mais de 300 pessoas envolvidas dentre personagens e figurantes. "A façanha daquelas mulheres, donas de casa, agricultoras, gente mestiça, negras e índias ganhou versão na boca do povo da região, multiplicou-se e propagou-se até os dias de hoje graças à força da tradição oral" (BEZERRA, 2004, p.33). Em que pese, o Teatro das Heroínas de Tejucupapo ser o maior evento da região, contar com a presença de mais de 10 mil pessoas, envolver municípios circunvizinhos, movimentar grande contingente de turistas e ter sua encenação culminando com o encerramento de uma semana de eventos realizados também com intuito de levantar fundos para sua realização como pedaladas ciclísticas, concurso de danças, não conta com financiamento consistente do poder público e do setor privado.

A preservação da memória cultural da comunidade de Tejucupapo - Goiana PE

A realização do teatro das heroínas tem papel social e educativo na comunidade de Tejucupapo. Conta a participação e com a boa vontade dos moradores da comunidade que, sem pagamento financeiro, dedicam sua arte, seu tempo e com determinação e esmero fazem acontecer o segundo maior teatro ao ar livre do Estado. Essa história vem

[1] https://goiana.pe.gov.br/2022/04/26/teatro-das-heroinas-de-tejucupapo-retoma-apresentacao-com-apoio-da-prefeitura-de-goiana/ - acesso em 21/07/2022.

sendo passada de um familiar para outro, nesses quase trinta anos de realização. Escrever sobre o teatro das heroínas, pesquisa-lo é também contribuir para sua divulgação.



Painel da artista Tereza Costa Rêgo sobre a Batalha das Heroínas[2]

Esse teatro tem o poder de fazer um link das atuais heroínas com seus antepassados, reviver sua história e reforçar a base de onde vieram. É uma importante memória que deve ser repassada para as futuras gerações. "A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas" (LE GOFF, 2003, p.419). Hoje não há garantia de que essa importante história seguirá e será perpetuada para o futuro quando não for possível contar com a força gritante de sua idealizadora que agora conta com 76 anos de idade. No intuito de preservar essa memória e de poder acreditar que daqui a mais duas, três décadas, continuaremos a ver a interação, a união e a junção de forças dessa comunidade em prol desse acontecimento, há anos dona Luzia, como pessoa física, tenta obter o título de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco. Através do nosso projeto de pesquisa para o mestrado profissional em história da universidade católica de Pernambuco, cujo ingresso se deu em 2022, turma 6, no ano corrente, conseguimos a indicação da ALEPE[3], como entidade proponente, para

[2] Tereza Costa Rêgo, artista pernambucana nascida em 28 de abril de 1929 e falecida em 26 de julho de 2020 na cidade do Recife PE; imagem acessada em https://bonifacio.net.br/as-mulheres-de-tejucupapo/ no dia 22/07/2022.
[3] Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco.

indicar as Heroínas de Tejucupapo ao título de Patrimônio Vivo do Estado, através da Associação Cultural Teatro das Heroínas de Tejucupapo, pessoa jurídica sem fins lucrativos, cuja presidente é dona Luzia Maria da Silva. Conseguir esse título que é vitalício, significa conquistar bolsa de incentivo financeiro no valor aproximado de R$ 3.200,00 (três mil e duzentos reais)[4] mensais, divulgação e participação oficial em eventos produzidos pela secretaria de cultura do Estado, o que indica dizer, que haverá garantia de que o teatro das heroínas não cairá no abandono, quiçá no esquecimento da população, independente da presença física de sua idealizadora. Dona Luzia é a grande responsável não somente pela criação do teatro, mas até hoje, representa a força propulsora responsável pela sua realização. Não há dúvidas que já existe um grande legado construído por essa tejucupapense arretada, mas é preciso garantir que seu legado não vá embora, um dia, com ela, mas que o mesmo seja transmitido ano após anos e alcance as futuras gerações daquele local, perpetuando sua contribuição social e cultural para a formação daquela comunidade, mantendo o diálogo do passado com o presente a cada encenação.

Nas pesquisas realizadas até aqui, constatou-se que foi criada, no ano de 2002, uma medalha de mérito[5], que é concedida anualmente, no dia 08 de março, a uma pessoa física e a uma instituição que tenham se destacado na defesa dos direitos da mulher com a denominação de "medalha mulheres de tejucupapo" e, ainda, a criação da lei que declara as heroínas de tejucupapo como Patronas da defesa dos direitos da Mulher de Pernambuco no ano de 2021[6].

"A ausência de um passado conhecido e reconhecido, a míngua de um passado, pode também ser fonte de grandes problemas de mentalidade ou identidade coletivas" (LE GOFF,2003, p.208). A preservação da memória de uma sociedade nada tem a ver com dificultar seu desenvolvimento, nem causar entraves ao seu progresso, mas sim manter viva sua base de sustentação constituinte com a finalidade de manter conhecimentos, identidades e, o vínculo com suas raízes e modos de vida. O avanço, a modernização, a chegada de novas tecnologias, mudanças e melhorias não devem ser

[4] Vide edital do 17º concurso de Registro do Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco – RPV-PE, Edição 2022, p.12.
[5] Medalha Mulheres de Tejucupapo criada em 2002 por iniciativa da então Deputada Teresa Duere.
[6] Lei Ordinária 17151 de 04 de janeiro 2021, tendo o projeto de lei sido oriundo da safra da Deputada Delegada Gleide Ângelo.

responsáveis por rupturas com tradições, costumes, nem pelo esfacelamento da memória cultural de um povo.

O papel da Iconografia na preservação da memória cultural da comunidade de Tejucupapo.

Pelas linhas pretéritas, se pretende reafirmar a importância da preservação da memória da história de Tejucupapo, pequena comunidade distrito da cidade de Goiana, litoral norte do estado de Pernambuco, através da realização do teatro das heroínas. As mulheres de tejucupapo ano após ano recontam sua própria história, resgatando seu passado e garantindo que essa memória não seja esquecida. São historiadoras da própria trajetória. Nesse ponto, Certeou assemelha a prática do historiador a de um operário.

> Trabalho sobre um material para transformá-lo em história. Empreende uma manipulação que, como as outras, obedece às regras. Manipulação semelhante é aquela feita com o mineral já refinado. Transformando inicialmente matérias-primas (uma informação primária) em produtos standard (informações secundárias), ele os transporta de uma região da cultura (as "curiosidades", os arquivos, as coleções, etc) para outra (a história). (CERTEOU, 1982. P.79)

Durval Muniz, apesar de concordar com Certeau, diz que fazer história é um trabalho minucioso e dedicado:

> Concordo com a ideia de que a historiografia é produto de um trabalho, de atribuição de sentido aos eventos, aos acontecimentos do passado...mas considero que o trabalho que realizamos não tem o caráter maquinímico, o caráter fabril, o caráter plenamente moderno...parece ter mais analogias com o trabalho artesanal do que com o trabalho na grande indústria.

É certo que o trabalho teatral elaborado pelas mãos das moradoras daquela comunidade, inclusive sem formação em dramaturgia, é único, demanda zelo, dedicação e presteza. Elas vão de forma amadora, tomando por base a história de suas antepassadas, gravando as suas próprias histórias no tempo e na cultura popular do vilarejo. Durval chama o historiador de tecelão dos tempos:

> Que articula aquilo que viu e aquilo que ouviu sobre o passado e sobre o presente, sobre os gregos e sobre os bárbaros, num tecido que se projeta para o futuro, para que as futuras gerações não esquecessem as maravilhas praticadas por seus antecessores (MUNIZ, 2019)

Pode-se constatar o fazer mencionado por Durval, quando, no ano de 2020 viu-se um interesse de um fotógrafo alagoano, radicado em Pernambuco, chamado Janathas de

Andrade, deslocar-se à comunidade de Tejucupapo com a finalidade de fazer registros fotográficos de tudo que contasse a história do teatro das heroínas, e, através de um trabalho importante e primoroso levou a história das heroínas a atravessar o oceano e, em forma de exposição, fez a batalha das heroínas de hoje chegar à Holanda, país protagonista ao lado do Brasil, daquele conflito armado do século XVII, portanto, cruzando continentes levou para a casa holandesa um trecho da sua própria história. A mencionada exposição aconteceu no Foam or Fotografiemuseum Amsterdam, museu de fotografia localizado na cidade de Amsterdã, na Holanda ficando em cartaz de 26 de junho de 2022 a 28 de agosto de 2022. Vide imagens a seguir[7]:



Figura 1Jonathas de Andrade - A batalha de todo dia de Tejucupapo + Teatro das Heroínas de Tejucupapo 2022, 94 imagens em preto e branco impressas em falcão cru 20 mm | 0,78 pol., 119 x 75 cm | 46,85 x 29,52 . Foto: Oak Taylor-Smith

[7] Imagens retiradas do site: https://www.galleriacontinua.com/exhibitions/jogos-atos-gestos-363 acesso em 20/07.2022.



Figura 2 Jonathas de Andrade - A batalha de todo dia de Tejucupapo + Teatro das Heroínas de Tejucupapo 2022, 94 imagens em preto e branco impressas em falcão cru 20 mm | 0,78 pol., 119 x 75 cm | 46,85 x 29,52 . Foto: Oak Taylor-Smith



Figura 3 Jonathas de Andrade - A batalha de todo dia de Tejucupapo + Teatro das Heroínas de Tejucupapo 2022, 94 imagens em preto e branco impressas em falcão cru 20 mm | 0,78 pol., 119 x 75 cm | 46,85 x 29,52 . Foto: Oak Taylor-Smith

Sobre o desafio de se fazer história com imagens, Knauss discorre:

> Não se pode deixar de reconhecer o potencial da comunicação universal das imagens, mesmo que a criação e a produção delas possam ser caracterizadas como atividade especializada. A imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão. (KNAUSS, 2006, p.99).

"A biografia de uma fotografia percorre situações provocadas por sua existência e ação no mundo social, constituindo-se, portanto, como sujeito, objeto e agente da história" (MAUAD, 2016, p.45). No Brasil, mas especificamente no nosso estado há um registro de uma exposição mostrando parte do figurino utilizado na encenação da Batalha das Heroínas e mais de vinte fotografias do filme *Tejucupapo – um filme sobre mulheres guerreiras*, durante o mês de abril do ano de 2002, realizada no shopping tacaruna, ocorrida quando do encerramento das filmagens do curta metragem em linguagem documentária que passou por muitos festivais brasileiros, por dois anos, ganhou prêmios e foi indicado pela Academia Brasileira de Cinema como um dos cinco finalistas do prêmio de melhor documentário em curta metragem no ano de 2002 (BEZERRA, 2004. P.69). Enfatiza ainda:

> *Tejucupapo – um filme sobre mulheres guerreiras*, resgata, em versão popular, e através da peça "A Batalha das Heroínas", a vitória das tejucupapenses sobre os soldados holandeses que tentaram invadir a região, no século XVII,e ao mesmo tempo registra a 'luta' das mulheres de hoje – donas de casa, funcionárias públicas, pescadeiras e marisqueiras – pela sobrevivência. Um enredo cinematográfico exigente do ponto de vista técnico e de importância histórica, por resgatar o tema que fora banido dos livros escolares. (BEZERRA, 2004. p.88)

Não pude constatar, no posso país ou na nossa região, registros, exposições ou divulgações oficiais duradouras e mais recentes além das mencionadas. É certo que a cada encenação anual se vê registros breves em jornais da região através dos quais se imprime a prova da raça, da força e da bravura das mulheres guerreiras de Tejucupapo. O primeiro registro do teatro das heroínas de tejucupapo ocorreu no dia seguinte à sua estreia, "na segunda-feira, dia 11 de outubro de 1993 o diário de Pernambuco publicou matéria de três colunas, contendo foto e texto sobre o episódio histórico, assinado pelo departamento de pesquisa do jornal" (BEZERRA, 2004, p.59).

Knauss, enfatiza também que:

> Desprezar as imagens como fontes da História pode conduzir a deixar de lado não apenas um registro abundante, e mais antigo que a escrita, como pode

> significar também não reconhecer as várias dimensões da experiência social e a multiplicidade dos grupos sociais e seus modos de vida. (KNAUSS, 2006, p.100).

Para preservar essa memória é imprescindível apoderar de fotos, documentos, objetos, utensílios e, ainda, organizar os registros dos fatos. “instrumentos importantes para a preservação da memória é o seu registro iconográfico, quer pelos métodos milenares, quer pelos processos e instrumentos mais recentes que a ciência e a técnica do nosso tempo nos trouxeram” (OLIVEIRA, 2008, p.13).

Para MAUAD,

> A fotografia promove, assim, um vir a ser da história. Portanto, o estudo da sua biografia, incluindo nesse itinerário as condições históricas de sua produção, os percalços de sua circulação, as formas como foi apropriada pelos diferentes circuitos sociais, os endereçamentos a que se destinou, os arquivos que visitou e a situação em que foi encontrada integram parte importante da história da cultura visual das sociedades históricas. (MAUAD, 2016, p.46).

Foi fincado no monte das trincheiras, um obelisco, em cuja base se lê : “aqui, em 1646, as mulheres de Tejucupapo conquistaram o tratamento de heroínas por terem, com armas, ao lado dos maridos, filhos e irmãos, repelindo 600 holandeses que recuaram derrotados”. Nesse ínterim, e analisando a biografia de cada imagem, é possível através de registros, associados às demais fontes históricas existentes, inclusive fonte oral, documental, acompanhar a trajetória do teatro das heroínas e sua evolução após quase três décadas da sua idealização. Certamente e, superando as incertezas e percalços do caminho, a versão encenada nos dias de hoje passou por incontáveis aprimoramentos.

Considerações Provisórias

Este artigo abordou a idealização, em 1993, do teatro das heroínas de Tejucupapo e sua realização anual, chegando a 29ª apresentação no ano corrente. Uma encenação que acontece em decorrência da força e obstinação da sua idealizadora, dona Luzia Maria da Silva que conta hoje com 76 anos de idade. O teatro tem a grande missão de resgatar a história de Tejucupapo e, contando com a participação de toda uma comunidade, com aproximadamente 320 participantes, é realizado ao final do mês de abril de cada ano. Existente há quase 30 anos, e, possuindo o título de segundo maior teatro ao ar livre do Estado de Pernambuco, ainda não possui reconhecimento financeiro público consistente.

Um dos objetivos específicos do anteprojeto da mestranda que ora escreve é dedicar esforços para que as heroínas de Tejucupapo adquiram o título vitalício de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco. Nesse sentido, conseguimos a valiosa indicação da Alepe[8], como entidade proponente, o que viabilizou a participação das heroínas de Tejucupapo a participarem do 17º concurso do Patrimônio Vivo que se encontra em andamento, com resultado final previsto para o mês de agosto de 2022. O mencionado título além da renda mensal no valor de R$ 3.200,00, verba que, dentre outras ações, garantirá que esse feito perpetue e seja repassado para as futuras gerações da comunidade. A história do teatro das heroínas é registrada desde sua primeira encenação, no ano de 1993. "As imagens atuam como mediadoras entretempo e fazem a diferença quando a experiência passada se torna objeto de estudo" (MAUAD, 2016, p. 34). De lá em diante, a cada apresentação, vemos a história do teatro sendo contada em fotografias, filmagens, entrevistas, publicação em sites, depoimentos de quem testemunhou seu acontecimento e, portanto, não se pode refutar sua existência, o seu crescimento e aperfeiçoamento a cada encenação. Desta feita é evidente a importância da iconografia para a preservação da memória desta cultura popular, proveniente da pequena comunidade de Tejucupapo, litoral norte de Pernambuco.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades**. São Paulo: Intermeios, 2019.

BEZERRA, Cláudio. **Tejucupapo: história, teatro, cinema**. Bagaço. Recife. 2004.

CERTEOU. Michel de. **A Escrita da História**; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Forense-Universitária-RJ.1982.

Exposição fotográfica em: https://www.galleriacontinua.com/exhibitions/jogos-atos-gestos-363- acesso em 20/07/2022.

//goiana.pe.gov.br/2022/04/26/teatro-das-heroinas-de-tejucupapo-retoma-apresentacao-com-apoio-da-prefeitura-de-goiana/ - acesso em 21/07/2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas-SP: Unicamp. 2003

MAUAD, Ana Maria. Sobre as imagens na história, um balanço de conceitos e perspectivas. Revista Maracanan, vol 12, n.14, p.33-48, jan/jun 2016.

[8] Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes Visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares**. Revista Brasileira de História, SP, v.23, n.45, 2003, p 11-36.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. **A documentação como ferramenta de preservação da memória: cadastro, fotografia, fotogrametria e arqueologia**. Brasília: IPHAN/Monumenta.2008.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens – arte e cultura visual**. Artcultura, Uberlânndia, v.8, n.12, p. 97-115, jan-jun, 2006.